



Paixões Ocultas

NILSON FONSECA



PAIXÕES OCULTAS



NILSON FONSECA

PAIXÕES OCULTAS

1ª Edição

Quipá Editora

2024

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N712p Paixões ocultas / Nilson Fonseca. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.

48 p. : il.

ISBN 978-65-5376-400-2

1. Economia. 2. Política econômica. I. Fonseca, Nilson. II T[ítulo].

CDD 840

Obra publicada pela Quipá Editora em outubro de 2024

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

VIDA E OBRAS DO AUTOR

Nilson da Cruz Fonseca, 49 anos, é professor da educação básica há 18 anos, com experiência no ensino de História e Inglês. É licenciado em Letras e História, e atualmente está cursando Mestrado em Educação na Universidade Europeia do Atlântico, em Santander, Espanha. Apaixonado pela leitura e pela escrita, Nilson encontra inspiração em seu cotidiano como educador. Esta é a sua segunda obra publicada em formato digital, resultado de sua dedicação à escrita e à promoção do conhecimento.

APRESENTAÇÃO

"Paixões Ocultas" é uma narrativa poderosa ambientada na cidade de Teixeira de Freitas, Bahia, que mergulha profundamente nos dilemas emocionais e éticos de um triângulo amoroso incomum. O livro desafia os leitores a refletirem sobre a complexidade das relações humanas e as consequências de desejos proibidos. Em meio à paisagem urbana desta cidade, somos apresentados a Ana, João e Pedro, cujas vidas se entrelaçam em uma trama de segredos e descobertas que transformarão a vida de cada um.

Ana, uma professora de português de 30 anos, é casada com João, um advogado bem-sucedido de 35 anos. Juntos, eles formam um casal admirado por aqueles ao seu redor, vivendo em harmonia aparente em um relacionamento que parece perfeito. No entanto, a estabilidade do casamento de Ana e João começa a ser abalada quando Pedro, o irmão mais novo de Ana, um estudante de medicina de 25 anos, entra em cena de maneira inesperada.

Pedro, que sempre foi uma presença constante na vida de Ana, começa a despertar sentimentos em João que o próprio advogado nunca imaginou experimentar. O que inicialmente parecia ser admiração se transforma em algo muito mais profundo, gerando uma tensão emocional e física entre os dois homens. João se vê dividido entre sua devoção a Ana e o desejo avassalador que cresce por Pedro, colocando em risco tudo o que ele construiu ao lado de sua esposa.

O livro explora o impacto dessa atração proibida, não apenas sobre o casamento de João e Ana, mas também sobre os laços familiares. À medida que a tensão aumenta, Ana, que sempre confiou plenamente no marido e no irmão, começa a perceber que algo está errado. Sua jornada de descoberta é marcada por angústia e confrontos internos, revelando uma mulher forte, que, mesmo devastada pela traição, busca encontrar seu próprio caminho.

A narrativa é rica em detalhes psicológicos, apresentando personagens complexos e humanos, cada um lutando contra seus próprios demônios internos. João enfrenta a culpa e o conflito entre seu desejo e suas responsabilidades conjugais e sociais. Pedro, por outro lado, vê-se dividido entre os sentimentos por João e o peso de sua relação com a irmã. Ana, enquanto tenta lidar com a verdade, emerge como uma personagem resiliente, que luta para reconstruir sua vida após o colapso de suas certezas.

"Paixões Ocultas" não é apenas uma história sobre traição, mas uma profunda investigação sobre o que significa amar e perdoar. A narrativa se desenrola de forma cativante, com reviravoltas emocionantes e momentos de tensão que mantêm o leitor preso até o final. A ambientação em Teixeira de Freitas confere à trama uma autenticidade única, fazendo com que os personagens se sintam reais e próximos, vivenciando os desafios e conflitos de muitos relacionamentos contemporâneos.

O autor apresenta um final surpreendente e poderoso, que traz a reflexão sobre a importância da verdade e da liberdade de viver de acordo com quem realmente somos. "Paixões Ocultas" é uma leitura envolvente, que aborda temas complexos como amor, desejo, moralidade e redenção, e mostra que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, há sempre a possibilidade de um recomeço.

Este livro é uma verdadeira celebração da capacidade humana de enfrentar a dor, perdoar e seguir em frente, encontrando novas formas de felicidade e realização.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
CAPÍTULO 1	08
O INÍCIO DOS SEGREDOS	
CAPÍTULO 2	12
A PRIMEIRA FAÍSCA	
CAPÍTULO 3	16
O JOGO PROIBIDO	
CAPÍTULO 4	20
O FARDO DA CULPA	
CAPÍTULO 5	25
O ENCONTRO INESPERADO	
CAPÍTULO 6	30
SILÊNCIO QUEBRADO	
CAPÍTULO 7	35
A DISTÂNCIA INSUPORTÁVEL	
CAPÍTULO 8	38
A MUDANÇA INEVITÁVEL	
CAPÍTULO 9	41
A VERDADE DESTRUÍDA E RECONSTRUÍDA	
CAPÍTULO 10	44
NOVOS RECOMEÇOS	
BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS	48

CAPÍTULO 1

O INÍCIO DOS SEGREDOS

Ana e João eram o tipo de casal que todos admiravam à distância. Jovens, apaixonados e bem-sucedidos, eles aparentavam ter uma vida perfeita. Moravam em um apartamento moderno, com paredes de vidro que davam vista para o horizonte vibrante da cidade. A luz da manhã refletia nos prédios vizinhos, como se iluminasse a própria jornada deles, tão cheia de promessas e expectativas.

Desde o início do casamento, Ana sentia que tinha encontrado em João seu porto seguro. Ele era atencioso, presente, e parecia adorar a vida que haviam construído juntos. Para Ana, cada detalhe contava. Desde os jantares românticos até as longas conversas à noite, nas quais compartilhavam seus sonhos, João sempre fora um parceiro dedicado.

Entretanto, como em qualquer relacionamento, havia pequenos momentos que Ana não conseguia interpretar completamente. João parecia, em certos dias, mais distante. O olhar perdido para o horizonte, como se estivesse em outro lugar. Mas essas dúvidas eram rapidamente dissipadas pela forma como ele sorria para ela, sempre doce, sempre presente.

O que Ana não percebia era que as complexidades do casamento iam muito além do que ela podia imaginar.

Pedro, irmão mais novo de Ana, sempre fora um frequentador constante de sua casa. Mais solto e carismático, Pedro levava a vida de maneira diferente. Solteiro, nunca parecia interessado em se estabelecer com alguém. Para ele, a vida era uma série de encontros e experiências. E talvez fosse isso que, aos poucos, começava a chamar a atenção de João.

Desde as primeiras visitas frequentes, João notou algo em Pedro que o incomodava — e o atraía ao mesmo tempo. No início, ele acreditava que era apenas uma questão de admiração. Pedro era jovem, livre e despreocupado com as pressões que João enfrentava. Mas, conforme o tempo passou, João começou a sentir algo que jamais havia sentido antes, uma tensão que crescia lentamente, quase imperceptível.

Cada risada, cada gesto de Pedro era como uma faísca para algo que João não conseguia entender completamente. Mas ele sabia que era errado. Sabia que essa

crescente atração — esse desejo que começava a crescer dentro dele — era proibido, não apenas por causa de seu casamento, mas por suas crenças mais profundas, aquelas que ele mantinha desde a infância. A fé que ele e Ana compartilhavam, sua vida devocional, tudo isso fazia parte de quem ele era.

Certa tarde, Ana organizou um jantar familiar. Como sempre, Pedro foi convidado. Durante o jantar, a conversa fluiu facilmente, mas João não conseguia afastar seus olhos de Pedro. Cada movimento, cada gesto parecia carregar um novo significado. Ana, alheia ao que estava acontecendo, continuava a conversar alegremente, sentindo-se confortável com os dois homens que ela mais amava em sua vida.

Mas João estava em conflito. Ele sabia que esse sentimento era errado, sabia que precisava afastar esses pensamentos. Ele tentou, a princípio, se convencer de que era apenas um momento passageiro, algo que desapareceria com o tempo. Mas, ao invés de desaparecer, a atração por Pedro só aumentava, como um fogo incontrolável.

Pedro, por outro lado, parecia ciente de que algo estava acontecendo. Talvez ele também estivesse começando a perceber o interesse de João, ou talvez ele próprio estivesse sentindo algo semelhante. Cada vez que seus olhares se encontravam, havia um silêncio carregado, como se o ar entre eles tivesse se tornado denso, eletrificado. Ana não percebia — como poderia? Ela confiava cegamente nos dois homens.

Com o passar do tempo, a tensão entre João e Pedro se tornou mais evidente. O simples ato de estarem na mesma sala era o suficiente para fazer o coração de João disparar. Ele sabia que não poderia continuar assim, que isso colocaria tudo em risco. Sua vida com Ana, seu casamento, sua fé — tudo estava à beira de desmoronar, e ele ainda não sabia como impedir.

Certa noite, quando Ana já havia se deitado, João ficou na sala, pensando em tudo que estava acontecendo. Ele olhou pela janela, para as luzes distantes da cidade, se perguntando como sua vida havia chegado até aquele ponto. Naquela mesma noite, Pedro mandou uma mensagem curta, casual, mas que fez o coração de João acelerar ainda mais.

“Tudo bem com você?” Pedro escreveu.

João hesitou antes de responder. Suas mãos tremiam levemente. Sabia que responder poderia significar mais um passo em direção ao inevitável, mas ao mesmo tempo, ele não conseguia evitar.

“Sim, e você?” Respondeu, sentindo a familiar culpa que vinha acompanhada do desejo.

Essa pequena troca de mensagens era o suficiente para reacender toda a tensão entre eles. Era como um jogo silencioso, mas carregado de emoção. João estava em um ponto em que não sabia mais como sair disso. Sabia que estava entrando em território perigoso, mas, ao mesmo tempo, algo dentro dele o empurrava para continuar.

E assim, o primeiro capítulo dos segredos entre João e Pedro começou a ser escrito, enquanto Ana, ainda sem saber, continuava a viver a vida que achava ser perfeita.

Ana, uma mulher de 30 anos, dedicava sua vida à educação. Professora de português em uma escola renomada, ela era conhecida por sua paixão pelo ensino e pelo carinho que nutria por seus alunos. Para Ana, a sala de aula era um espaço de transformação, onde ela podia moldar mentes e abrir portas para o futuro de seus estudantes. Ela se orgulhava da profissão que escolheu, acreditando que, por meio das palavras, poderia ajudar a construir uma sociedade mais consciente e justa.

João, por outro lado, tinha 35 anos e era um advogado bem-sucedido. Dono de uma carreira sólida em um grande escritório, ele era admirado por sua ética e comprometimento com a justiça. João sempre fora muito focado em seu trabalho, dedicando longas horas para garantir o melhor para seus clientes. Com um futuro promissor, ele tinha tudo o que muitos desejavam: estabilidade financeira, reconhecimento e um casamento feliz com uma mulher que ele respeitava profundamente.

Pedro, o irmão caçula de Ana, ainda estava em um caminho diferente. Aos 25 anos, era estudante de medicina e levava a vida de forma mais leve. Entre as exigências da faculdade e a vida social agitada, Pedro se mostrava confiante em seu futuro como médico. Ele era determinado, mas sua personalidade despreocupada o fazia parecer mais jovem e menos preso às responsabilidades que Ana e João enfrentavam diariamente.

Essas diferenças na vida profissional e nas personalidades dos três personagens criavam uma dinâmica única. João, o advogado rígido e responsável; Ana, a professora apaixonada pelo ensino; e Pedro, o futuro médico, livre e encantador, formavam um triângulo em que os papéis que desempenhavam na sociedade contrastavam fortemente com o que sentiam e viviam intimamente.

Assim, enquanto Ana e João eram vistos como um casal perfeito em público, em suas vidas pessoais, os segredos começavam a se formar, transformando o que parecia uma estabilidade inabalável em algo repleto de tensões e incertezas.

CAPÍTULO 2

A PRIMEIRA FAÍSCA

Os dias que se seguiram àquela mensagem casual foram uma tortura silenciosa para João. Cada vez que Pedro aparecia em sua casa, seja para uma visita despretensiosa ou para um jantar familiar, a atmosfera se tornava mais densa. O ar parecia carregado de algo não dito, algo que João temia que, a qualquer momento, pudesse explodir e destruir tudo o que ele conhecia.

Pedro, por sua vez, parecia mais à vontade do que João gostaria. Ele ainda era o mesmo — solto, sorridente, sempre com uma palavra fácil para acalmar qualquer tensão aparente. Mas João sentia que, por trás do sorriso despreocupado, havia algo mais profundo, algo que Pedro também não estava disposto a admitir de forma aberta.

A atração entre eles havia crescido, embora nenhum dos dois tivesse falado abertamente sobre isso. João, sempre o mais contido, tentava manter as aparências. Ele se agarrava à rotina, às responsabilidades, tentando convencer a si mesmo de que tudo aquilo passaria, de que ele voltaria ao normal em algum momento. Mas cada vez que Pedro o olhava nos olhos, cada vez que seus braços se tocavam acidentalmente, uma faísca se acendia dentro dele.

Era uma tarde de domingo quando a primeira faísca se tornou impossível de ignorar. Ana havia saído para visitar a mãe, deixando João e Pedro sozinhos no apartamento. O silêncio entre eles era incomum — não era o silêncio confortável que costumavam partilhar antes. Agora, parecia haver uma energia invisível que ligava os dois, como se o próprio ar estivesse carregado de tensão.

Pedro estava no sofá, mexendo em seu celular, enquanto João estava na cozinha, tentando distrair a mente lavando a louça. Mas os pensamentos o distraíam, e ele se pegou olhando para Pedro mais vezes do que gostaria de admitir. Cada movimento de Pedro, cada mudança de expressão, parecia amplificar o que ele sentia. João sabia que estava flertando com o perigo, que aquilo não poderia continuar, mas também sabia que, naquele momento, estava preso.

— Você tá bem? — Pedro perguntou de repente, sem tirar os olhos do celular, mas claramente ciente da agitação de João.

— Sim, só estou... cansado — respondeu João, tentando esconder a verdade.

Pedro se levantou do sofá e foi até a cozinha, onde João estava. A distância entre eles diminuiu, e o toque breve de suas mãos ao passar um copo foi o suficiente para eletrificar o ambiente. O olhar de Pedro encontrou o de João por um momento que parecia eterno. Não havia palavras, apenas um entendimento silencioso entre eles.

João sabia que deveria se afastar, colocar uma barreira clara entre eles antes que fosse tarde demais. Mas naquele instante, o desejo superou o bom senso. Pedro se aproximou mais, e João sentiu o calor de sua proximidade. Seus corpos estavam tão perto que era impossível ignorar o que estava acontecendo.

— Pedro... — João sussurrou, como um último esforço para parar o que estava prestes a acontecer.

Mas era tarde demais. Pedro o puxou para perto e, sem mais hesitação, os dois se beijaram. O mundo ao redor pareceu desaparecer. Tudo o que João sentia era o toque de Pedro, a sensação de finalmente ceder ao que vinha reprimindo por tanto tempo. Havia culpa, é claro. Havia medo, mas naquele momento, tudo parecia distante, abafado pelo desejo.

O beijo durou apenas alguns segundos, mas foi o suficiente para mudar tudo. Quando se afastaram, ambos ficaram em silêncio, o peso da ação recém-realizada caindo sobre eles como uma avalanche. João sentiu o arrependimento imediato, mas ao mesmo tempo, não conseguia negar que aquilo era algo que ele desejava havia muito tempo.

— A gente não devia ter feito isso — disse João, finalmente quebrando o silêncio. Sua voz era baixa, quase um sussurro, e ele mal conseguia encarar Pedro.

— Talvez não — Pedro respondeu, com um sorriso suave, mas que carregava um peso desconhecido. — Mas já fizemos.

João sabia que Pedro tinha razão. O beijo havia acontecido, e agora não havia como voltar atrás. Eles haviam cruzado uma linha que não poderia ser apagada. O que vinha a seguir, João não sabia, mas uma coisa era certa: o segredo que agora compartilhavam era uma bomba-relógio.

O som da porta da frente se abrindo quebrou o momento entre eles. Ana estava de volta, com sacolas de compras nas mãos e um sorriso inocente no rosto. Para ela, tudo estava normal, como sempre. João sentiu o pânico crescer dentro de si, mas rapidamente recobrou a compostura. Eles precisariam ser cuidadosos. Muito cuidadosos.

Pedro se afastou, como se nada tivesse acontecido. E mais uma vez, eles se afundaram na fachada de normalidade, mas agora, havia algo novo, algo muito mais perigoso crescendo entre eles.

João sabia que deveria se afastar, colocar uma barreira clara entre eles antes que fosse tarde demais. Mas, naquele instante, o desejo superou o bom senso. Pedro se aproximou mais, e João sentiu o calor de sua proximidade. Seus corpos estavam tão perto que era impossível ignorar o que estava acontecendo.

— Pedro... — João sussurrou, como um último esforço para parar o que estava prestes a acontecer.

Mas era tarde demais. Pedro o puxou para perto e, sem mais hesitação, os dois se beijaram. O mundo ao redor pareceu desaparecer. Tudo o que João sentia era o toque de Pedro, a sensação de finalmente ceder ao que vinha reprimindo por tanto tempo. Havia culpa, é claro. Havia medo, mas naquele momento, tudo parecia distante, abafado pelo desejo.

O beijo durou apenas alguns segundos, mas foi o suficiente para mudar tudo. Quando se afastaram, ambos ficaram em silêncio, o peso da ação recém-realizada caindo sobre eles como uma avalanche. João sentiu o arrependimento imediato, mas ao mesmo tempo, não conseguia negar que aquilo era algo que ele desejava havia muito tempo.

— A gente não devia ter feito isso — disse João, finalmente quebrando o silêncio. Sua voz era baixa, quase um sussurro, e ele mal conseguia encarar Pedro.

— Talvez não — Pedro respondeu, com um sorriso suave, mas que carregava um peso desconhecido. — Mas já fizemos.

João sabia que Pedro tinha razão. O beijo havia acontecido, e agora não havia como voltar atrás. Eles haviam cruzado uma linha que não poderia ser apagada. O que vinha a seguir, João não sabia, mas uma coisa era certa: o segredo que agora compartilhavam era uma bomba-relógio.

O som da porta da frente se abrindo quebrou o momento entre eles. Ana estava de volta, com sacolas de compras nas mãos e um sorriso inocente no rosto. Para ela, tudo estava normal, como sempre. João sentiu o pânico crescer dentro de si, mas rapidamente recobrou a compostura. Eles precisariam ser cuidadosos. Muito cuidadosos.

Enquanto Ana falava sobre o dia com a mãe, João se lembrou das palavras dela. Será que a sogra de João, com sua percepção afiada, já suspeitava? Ela sempre fora

rápida em perceber coisas que ninguém mais notava. João não tinha certeza, mas sabia que a partir daquele momento, precisariam ser ainda mais cuidadosos. Muito mais.

Enquanto Ana caminhava pela sala, descrevendo como a mãe havia comentado sobre o trabalho e as últimas fofocas de família, João mal conseguia prestar atenção. Cada palavra dela parecia ser abafada pelos pensamentos que giravam incessantemente em sua mente. Será que a mãe de Ana já sabia? Será que ela sentia algo diferente entre ele e Pedro, mesmo sem ter visto nada de concreto? A ideia de que alguém, especialmente sua sogra, pudesse desconfiar de algo o deixava ainda mais tenso. A cada frase de Ana, João sentia o peso do olhar da mãe dela, como se fosse um presságio do que viria pela frente.

Pedro, por sua vez, estava incrivelmente calmo. Ele mantinha sua expressão descontraída e um sorriso quase imperceptível no rosto, como se o beijo de minutos atrás não tivesse mudado absolutamente nada. João não conseguia entender como Pedro conseguia lidar com a situação daquela forma. Para ele, o simples fato de estar no mesmo cômodo que Ana agora parecia uma tortura. A culpa pesava em seus ombros, e o silêncio cúmplice entre ele e Pedro era quase insuportável.

Quando Ana finalmente se sentou ao lado de João no sofá, segurando sua mão, ele quase recuou por instinto. O toque dela, que sempre fora um alívio familiar, agora parecia carregado de uma ironia cruel. Pedro olhou para eles por um segundo, e João teve a impressão de que havia uma sombra de dor nos olhos do cunhado. Ele tentou afastar o pensamento. Era impossível saber o que Pedro estava realmente sentindo, mas João não podia negar o turbilhão de emoções contraditórias dentro de si. Ele amava Ana, mas o que havia entre ele e Pedro não era algo que ele pudesse simplesmente apagar.

Enquanto a noite avançava, o ambiente ficou ainda mais denso. Ana, sem perceber a tensão que se acumulava, começou a contar histórias engraçadas do tempo em que Pedro e ela eram crianças, e João se pegou rindo das lembranças, mesmo sem sentir a menor vontade de sorrir. Por dentro, ele estava despedaçado, dividido entre o amor que tinha por Ana, o desejo crescente por Pedro, e a culpa esmagadora que ameaçava desmoronar tudo. Naquele instante, João percebeu que estava em um caminho sem volta. O segredo entre ele e Pedro era como uma chama que, a qualquer momento, poderia consumir tudo à sua volta.

CAPÍTULO 3

O JOGO PROIBIDO

O silêncio que seguiu o beijo não desapareceu. Pelo contrário, ele se infiltrou em cada encontro entre João e Pedro, tornando cada momento carregado de uma tensão invisível. Depois daquele domingo, o que era antes uma atração reprimida havia se tornado um jogo perigoso, um jogo que ambos sabiam que poderia acabar mal, mas do qual já não podiam escapar.

A rotina continuava a mesma: João e Ana levando suas vidas aparentemente perfeitas, com Pedro sendo uma presença constante em suas reuniões familiares e eventos da igreja. Aos olhos de todos, nada havia mudado. João ainda era o marido dedicado, Ana a esposa confiante, e Pedro, o irmão despreocupado. Mas entre João e Pedro, havia uma eletricidade impossível de ignorar.

Cada vez que Pedro entrava na casa de João e Ana, o ambiente parecia vibrar com uma energia que só eles dois percebiam. O toque de um ombro ao passar, um olhar prolongado, um sorriso discreto — tudo era carregado de significados ocultos. João tentava disfarçar o melhor que podia, mas seu coração disparava sempre que Pedro estava por perto. E Pedro, sabendo disso, jogava o jogo com a mesma intensidade.

Mas não eram apenas os encontros físicos que os aproximavam. Mensagens de texto se tornaram frequentes, muitas vezes inocentes na superfície, mas carregadas de subtexto. Quando Ana não estava por perto, João e Pedro trocavam palavras rápidas, cada uma uma lembrança do que haviam compartilhado. O simples som de uma notificação no celular de João fazia seu coração pular no peito, e a culpa logo o seguia.

Ele sabia que estava entrando em território perigoso, que estava traindo Ana de uma maneira que ela jamais poderia perdoar. Mas ao mesmo tempo, havia algo em Pedro que o puxava, algo que ele não conseguia controlar. Cada dia que passava, a atração entre eles se tornava mais difícil de ignorar. E João sabia que, a qualquer momento, tudo poderia desmoronar.

As reuniões de família, que antes eram momentos de conforto e alegria, haviam se tornado uma tortura para João. Sentado à mesa com Ana e Pedro, ele sentia como se estivesse constantemente no limite, tentando equilibrar sua vida de fachada enquanto seu

coração e corpo estavam em outro lugar. Ana, inocente e alheia ao que estava acontecendo, continuava a viver sua vida como se nada estivesse errado.

Foi durante uma dessas reuniões que algo inesperado aconteceu. Ana, sempre atenciosa, notou que João estava mais distante do que o normal. Ele estava quieto, distraído, mal participando da conversa. Era como se ele estivesse em outro mundo, e isso a preocupou.

— Está tudo bem, amor? — Ana perguntou, o olhar de preocupação suavizando sua voz.

João, pego de surpresa, olhou rapidamente para Ana e tentou forçar um sorriso. — Sim, estou bem. Só cansado com o trabalho.

Ana aceitou a resposta, mas Pedro, que estava sentado do outro lado da mesa, observava em silêncio. Ele sabia que a resposta de João não era completamente verdadeira, e isso só aumentava a tensão entre eles.

Depois do jantar, Pedro se ofereceu para ajudar Ana a limpar a mesa, como de costume. Enquanto Ana estava ocupada na cozinha, João foi até a sala, sentindo-se sufocado pela culpa. Ele sabia que precisava se afastar de Pedro, que esse jogo proibido estava indo longe demais. Mas ao mesmo tempo, não conseguia resistir. Havia algo irresistível em estar tão perto do perigo.

Quando Pedro terminou de ajudar Ana, ele foi até João na sala. Sentou-se ao seu lado no sofá, em silêncio, os dois conscientes da proximidade entre eles. O olhar de Pedro era intenso, e João sabia que não poderia continuar fingindo por muito mais tempo.

— Isso precisa parar — disse João, sua voz um sussurro carregado de culpa. — Não podemos continuar assim.

Pedro ficou em silêncio por um momento, seus olhos fixos nos de João. — Eu sei — respondeu ele, sua voz igualmente baixa, mas sem arrependimento. — Mas você realmente quer que isso pare?

A pergunta de Pedro ficou no ar, pendente, sem uma resposta imediata. Porque a verdade era que, por mais que João quisesse acreditar que aquilo precisava parar, ele não conseguia se imaginar longe de Pedro. O que eles tinham era perigoso, mas também era viciante.

João não respondeu, mas o silêncio entre eles foi o suficiente para Pedro entender. O jogo continuaria, pelo menos por enquanto. Ambos sabiam que estavam à beira de algo

que poderia explodir a qualquer momento, mas estavam dispostos a arriscar. E era isso que tornava tudo ainda mais intenso, ainda mais irresistível.

Enquanto Ana, ainda na cozinha, falava no telefone com a mãe, João e Pedro se olharam mais uma vez, como se compartilhassem um segredo que ninguém mais poderia entender. Eles sabiam que estavam brincando com fogo, mas nenhum dos dois estava disposto a apagar as chamas.

Enquanto Ana conversava despreocupadamente ao telefone, João e Pedro permaneciam sentados no sofá, o silêncio entre eles ecoando mais do que qualquer palavra. A presença de Pedro ao seu lado era esmagadora, e João lutava contra o impulso de se afastar, ao mesmo tempo em que desejava intensamente ficar. Seus pensamentos giravam em torno da pergunta de Pedro: "Você realmente quer que isso pare?" No fundo, ele sabia a resposta, mas tinha medo de admiti-la, até para si mesmo.

Pedro, percebendo o conflito interno de João, não pressionou por uma resposta imediata. Ele apenas colocou a mão suavemente sobre o joelho de João, um toque tão breve e silencioso quanto o momento. João olhou para a mão de Pedro, sua respiração falhando por um segundo. Era um gesto pequeno, quase insignificante para quem estivesse de fora, mas para eles, era mais uma jogada naquele jogo perigoso.

Nos dias que se seguiram, João sentiu-se cada vez mais preso. Ele não conseguia mais escapar dos pensamentos que o atormentavam a todo momento. Quando estava no trabalho, lembrava-se do toque de Pedro, da tensão no ar entre eles. Em casa, com Ana, cada olhar de Pedro o desconcertava, e a culpa o corroía. Mas, mesmo assim, ele não conseguia evitar as mensagens que trocava com Pedro, as palavras que diziam uma coisa e significavam outra, alimentando o desejo crescente.

Ana começou a perceber mais mudanças. Embora João tentasse manter as aparências, sua distração era evidente. À noite, ele se pegava acordado, encarando o teto, enquanto Ana dormia ao seu lado. Ele sabia que estava vivendo uma mentira, e que, mais cedo ou mais tarde, essa mentira seria descoberta. Mas o que mais o assustava era a possibilidade de não querer, verdadeiramente, que isso acontecesse.

O ápice desse jogo chegou em uma tarde aparentemente comum. Ana havia saído para visitar a mãe, e João estava em casa, esperando Pedro chegar para ajudá-lo com algumas tarefas. Quando Pedro entrou pela porta, o clima no ambiente mudou instantaneamente. Não houve palavras trocadas a princípio, mas ambos sabiam o que

estava prestes a acontecer. Era como se aquele momento já tivesse sido antecipado por dias, talvez semanas.

Pedro, sem dizer nada, foi direto até João, que estava na sala, encostado na janela, olhando para fora como se buscasse uma saída para o dilema interno que o consumia. Quando sentiu a presença de Pedro ao seu lado, João fechou os olhos por um segundo, tentando lutar contra o desejo que sabia ser inevitável. Mas quando abriu os olhos novamente, Pedro já estava perto demais, e o calor de sua proximidade dissolveu qualquer resistência que ainda pudesse ter restado.

— Eu não devia estar aqui — murmurou João, a voz vacilando enquanto Pedro se aproximava ainda mais.

— Mas está — respondeu Pedro, sua voz firme, sem hesitação. — E isso é tudo que importa.

Sem pensar mais, João cedeu. Eles se beijaram novamente, desta vez com uma intensidade que ambos haviam reprimido por tanto tempo. Não havia mais desculpas, não havia mais barreiras. O jogo que haviam começado semanas atrás agora havia ultrapassado todas as fronteiras. O que antes era apenas um flerte perigoso, agora se tornava uma força avassaladora que nenhum dos dois conseguia mais controlar.

Quando se afastaram, ofegantes, o silêncio voltou a reinar, mas era um silêncio diferente, cheio de consequências não ditas. João sabia que, a partir daquele momento, qualquer resquício de controle que ele pudesse ter sobre sua vida estava se esvaindo. O jogo proibido havia se tornado muito maior do que ele, e agora, não havia como voltar atrás.

CAPÍTULO 4

O FARDO DA CULPA

Os dias se arrastavam como uma constante batalha interna para João. Por fora, ele mantinha a fachada de normalidade, mas por dentro, seu coração estava em guerra. O beijo com Pedro havia quebrado uma barreira invisível que agora parecia impossível de restaurar. Cada vez que estavam próximos, a atração entre eles crescia, e a culpa corroía João, dia após dia.

Ana, sem saber, continuava a viver sua rotina, ocupando-se com o trabalho, com as responsabilidades da igreja e os momentos sociais com a família. Ela sentia que algo estava diferente em João, mas preferia acreditar que era apenas estresse, ou talvez uma fase passageira. Ana sempre confiou em João, e essa confiança cegava-a para os sinais mais evidentes.

A igreja continuava sendo uma parte fundamental da vida de João e Ana. Eles frequentavam os cultos regularmente, e eram vistos como um casal devoto e exemplar. No entanto, cada sermão sobre fidelidade, pureza e moralidade parecia uma condenação direta a João. Ele mal conseguia se concentrar nas palavras do pastor, porque tudo o que ouvia parecia estar apontado diretamente para sua culpa.

Em uma dessas manhãs de domingo, o pastor falou sobre a importância da honestidade no casamento, sobre como os segredos poderiam destruir a confiança entre marido e mulher. João, sentado ao lado de Ana no banco da igreja, sentiu o peso das palavras esmagando-o. Ele olhou de relance para Pedro, que estava sentado algumas fileiras à frente, e percebeu que Pedro também estava inquieto.

— Alguma coisa te incomoda? — perguntou Ana, enquanto eles voltavam para casa depois do culto. Sua voz era gentil, mas carregada de preocupação.

— Não, só o trabalho. Tenho pensado em muitas coisas. — João sabia que essa mentira já estava desgastada, mas era a única desculpa que ele podia usar. Ana aceitou a resposta com um suspiro, mas ainda assim, o desconforto entre eles era palpável.

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto Ana dormia, João se levantou da cama, incapaz de conter a agitação dentro de si. Foi até a sala, onde ficou parado por um longo tempo, olhando pela janela. As luzes da cidade piscavam à distância, mas sua mente

estava longe dali. Ele pensava em Pedro, em como sua vida havia tomado um rumo que ele nunca poderia imaginar.

Ele pegou o celular, indeciso. Sabia que não deveria, mas o desejo de se comunicar com Pedro era mais forte. Antes que pudesse pensar duas vezes, ele digitou uma mensagem simples: “Podemos conversar?”

Pedro respondeu quase imediatamente. “Agora?”

“Sim. Preciso falar com você.”

Cerca de meia hora depois, Pedro apareceu no apartamento, entrando silenciosamente para não acordar Ana. O peso do que estavam fazendo era mais evidente do que nunca. João sabia que estava jogando com fogo, e Pedro também sabia, mas o que existia entre eles havia se tornado muito mais forte do que qualquer um poderia controlar.

— Eu não sei mais o que fazer, Pedro — começou João, a voz baixa e cheia de incerteza. — Isso está me destruindo.

Pedro se aproximou, e por um momento, o silêncio entre eles parecia responder mais do que as palavras. A tensão não desaparecia. Mesmo com a culpa pairando sobre eles, havia uma conexão que os unia, algo que João não conseguia explicar ou controlar.

— Eu também não sei como isso vai terminar — Pedro finalmente disse, colocando a mão no ombro de João. — Mas não consigo parar de pensar em você.

Essas palavras, simples e sinceras, trouxeram um alívio temporário para João. Saber que Pedro compartilhava dos mesmos sentimentos, que também estava tão confuso e dividido, de alguma forma o confortava. Mas isso não resolvia o problema. Eles estavam presos em uma armadilha que haviam criado para si mesmos, e sabiam que a cada passo, a possibilidade de tudo ser revelado aumentava.

João recuou, passando a mão pelo cabelo, tentando organizar seus pensamentos.

— Nós precisamos parar. Se Ana descobrir... — Ele não terminou a frase. O simples pensamento de magoar Ana o enchia de pavor.

— Eu sei — Pedro respondeu, mas havia algo em seu olhar que dizia que ele não estava pronto para isso.

Antes que pudessem continuar, um som os interrompeu. Era Ana, chamando por João do quarto. O pânico tomou conta dos dois imediatamente. Pedro deu um passo para trás, afastando-se de João, e João tentou manter a calma.

— Eu já volto, fica aqui — sussurrou João, saindo rapidamente da sala.

Quando entrou no quarto, encontrou Ana sentada na cama, com uma expressão confusa.

— Você está bem? — perguntou ela, a voz sonolenta.

— Sim, estava com insônia. Desculpa por te acordar — respondeu João, tentando soar o mais natural possível.

Ana assentiu, ainda meio adormecida, e voltou a deitar-se. João ficou parado por um momento, observando-a dormir. O peso da culpa estava mais forte do que nunca. Ele sabia que não poderia continuar assim, mas também sabia que o laço com Pedro havia se tornado muito mais profundo.

Voltando para a sala, encontrou Pedro, que já estava se preparando para sair. Ambos sabiam que aquele era um jogo perigoso, e que, eventualmente, tudo viria à tona. A questão agora não era se o segredo seria revelado, mas quando.

Pedro se despediu com um simples aceno, e João o acompanhou até a porta, o coração pesado. Quando a porta se fechou, João se sentiu preso. Entre a culpa de trair Ana e o desejo por Pedro, ele sabia que não poderia continuar assim por muito mais tempo. A explosão era inevitável — e quando ela viesse, as consequências seriam devastadoras.

Enquanto João fechava a porta atrás de Pedro, o silêncio do apartamento parecia ensurdecedor. Ele ficou parado por um momento, olhando para o chão, como se o peso da sua escolha estivesse se materializando ao seu redor. Cada decisão que havia tomado até aquele momento parecia uma corrente que o prendia a uma vida da qual ele não sabia mais como escapar. Ele desejava que tudo fosse diferente, mas a realidade o encarava de volta com um peso insuportável. O desejo por Pedro o puxava para um abismo cada vez mais profundo.

João voltou para o quarto com passos pesados, tentando se acalmar, mas o som da respiração tranquila de Ana apenas aumentava sua angústia. Ele a amava, disso tinha certeza. Mas havia uma parte de si que estava perdida, presa a algo que ele jamais imaginou que fosse sentir. E essa parte crescia cada vez mais, alimentada pelo que ele compartilhava com Pedro. Era um desejo que, por mais que ele tentasse combater, parecia vencer todas as suas tentativas de resistência.

Naquela noite, ele não conseguiu dormir. Sua mente estava inundada por lembranças de momentos com Pedro, cada uma delas trazendo consigo um turbilhão de culpa e arrependimento. O peso de viver uma vida dupla estava começando a sufocá-lo. Ele pensava no futuro, nas consequências inevitáveis que viriam quando, e não se, Ana descobrisse. Como ela reagiria? O que aconteceria com a vida deles? Essas perguntas ecoavam em sua mente, sem resposta.

No trabalho, João começou a perceber que sua capacidade de concentração estava se esvaindo. Ele já não conseguia focar em suas responsabilidades como antes. As reuniões pareciam passar sem que ele realmente estivesse presente. Cada notificação no celular, cada mensagem de Pedro, era como uma descarga de adrenalina que o tirava de qualquer tarefa que estivesse tentando realizar. E logo após a excitação de cada mensagem, vinha a culpa, pesada e inevitável.

Os encontros com Pedro se tornaram mais furtivos, mais arriscados. Eles sabiam que estavam jogando com o tempo, que cada encontro era uma chance a mais de serem descobertos. Mas o desejo, a conexão que eles sentiam um com o outro, era uma força que parecia ir além de qualquer racionalidade. João estava cada vez mais preso nessa teia, e o medo de perder Pedro começava a rivalizar com o medo de magoar Ana.

Certa noite, enquanto Ana preparava o jantar, João recebeu uma mensagem de Pedro que o fez congelar. "Precisamos nos encontrar. Não aguento mais esse jogo." O coração de João disparou. Ele sabia que Pedro estava chegando ao seu limite, assim como ele. Mas sabia também que, se continuassem, estavam caminhando para um desastre iminente. Mesmo assim, ele não conseguiu ignorar. Respondeu rapidamente, marcando um encontro para o dia seguinte, sem saber ao certo o que dizer ou fazer quando estivessem cara a cara.

Quando se encontraram, Pedro estava mais sério do que o normal. Não houve o flerte habitual, nem os olhares carregados de desejo. Em vez disso, Pedro parecia preocupado, inquieto. "João, isso está nos destruindo. Eu sei que você sente o mesmo. A gente precisa tomar uma decisão." Aquelas palavras ecoaram na mente de João, e por um momento, ele se viu à beira de um precipício. Estava dividido entre duas vidas, duas versões de si mesmo que não poderiam coexistir por muito mais tempo.

Pedro olhou fundo nos olhos de João, como se estivesse esperando por uma resposta definitiva, por uma decisão que mudaria tudo. Mas João, mais uma vez, não

conseguiu dizer nada. A verdade é que ele não sabia como parar, mesmo que quisesse. O que havia entre eles era algo que ele jamais havia experimentado, e a ideia de perder Pedro era tão devastadora quanto a ideia de magoar Ana. E assim, mais uma vez, o silêncio entre eles foi a única resposta.

CAPÍTULO 5

O ENCONTRO INESPERADO

Os dias seguintes ao último encontro de João e Pedro foram marcados por um silêncio pesado. João tentava manter a rotina, mas a culpa continuava a corroer cada aspecto de sua vida. Ele sabia que o segredo que compartilhava com Pedro estava fora de controle. O peso da traição se tornava insuportável, mas ao mesmo tempo, a atração por Pedro o puxava cada vez mais fundo em um abismo do qual ele não sabia como sair.

Pedro, por outro lado, parecia mais calmo. Embora estivesse consciente do perigo, ele estava menos abalado que João. Sabia o que sentia, e apesar da culpa, não estava disposto a se afastar. Cada vez que via João, Pedro percebia o quanto o desejo e o medo estavam misturados na expressão do cunhado.

Foi em uma tarde de sexta-feira que o improvável aconteceu. João havia voltado do trabalho mais cedo, dizendo a Ana que estava exausto e precisava de um tempo para descansar. Pedro, sabendo que João estaria sozinho, decidiu fazer-lhe uma visita sem avisar. Ele estava acostumado a aparecer sem marcar hora, e João nunca o mandava embora. Na verdade, parte de João esperava por essas visitas, mesmo que ele negasse para si mesmo.

Pedro entrou sem bater, como de costume. O apartamento estava silencioso, exceto pelo som da televisão baixa na sala. João estava em seu quarto, deitado na cama, aparentemente descansando. Quando Pedro entrou no quarto, João olhou para ele, o conflito claro em seus olhos, mas sem surpresa. Já haviam cruzado aquela linha tantas vezes que parecia inevitável.

— Achei que você quisesse companhia — disse Pedro, fechando a porta atrás de si.

João suspirou, sentando-se na cama. Ele sabia que deveria pedir a Pedro para sair, que deveria parar com aquilo antes que fosse tarde demais. Mas, como sempre, não conseguia.

— Pedro, não sei se podemos continuar com isso. Está ficando cada vez mais arriscado — disse João, sua voz baixa e tensa.

Pedro se aproximou, sentando-se ao lado de João. A proximidade entre eles era eletrizante, como sempre. Mesmo quando não falavam sobre o que sentiam, havia algo tangível no ar.

— Eu sei. Mas também sei que você não quer que isso pare — respondeu Pedro, olhando diretamente nos olhos de João.

Antes que pudessem falar mais, o som da chave girando na porta da frente ecoou pela casa. O coração de João disparou. Ana estava de volta, e ele não esperava que ela chegasse tão cedo. Pedro olhou para João, percebendo o pânico em seus olhos, mas não disse nada. Ele sabia que sair agora só levantaria suspeitas.

Ana entrou, suas mãos ocupadas com sacolas de compras. Ela estava sorrindo, como sempre fazia quando voltava para casa depois de uma tarde de compras. Ao entrar na sala e perceber o silêncio, ela chamou por João.

— João, você está em casa? — a voz de Ana ecoou pelo apartamento.

João congelou por um momento, o coração batendo rápido. Pedro permaneceu sentado, os dois conscientes de que a situação estava se tornando perigosa.

— Estou no quarto! — respondeu João, tentando manter a voz o mais natural possível.

Ana caminhou até o quarto, e foi nesse momento que João percebeu o quão perto estavam de um desastre. Ele se levantou rapidamente, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, Ana já estava abrindo a porta. O sorriso em seu rosto desapareceu por um segundo quando viu Pedro sentado na cama de João.

— Ah, Pedro... — disse ela, um pouco surpresa. — Eu não sabia que você estava aqui.

Pedro, sempre rápido, sorriu de volta para ela e se levantou.

— Acabei de chegar. Estava conversando com João sobre algumas coisas. — Ele disse casualmente, mantendo um tom leve.

João forçou um sorriso, tentando agir como se tudo estivesse normal, mas seu coração estava disparado. Ele sabia que a cena poderia parecer suspeita para qualquer um, mas confiava que Ana não imaginaria o que estava realmente acontecendo. Ele e Pedro estavam apenas conversando, nada mais — era isso que ele repetia para si mesmo.

Ana, por um breve momento, observou a cena com um olhar curioso. Pedro e João estavam claramente nervosos, mas ela não conseguia entender por quê. Uma parte dela,

muito no fundo, sentiu algo estranho. A visão de Pedro no quarto de João, sentado na cama, parecia deslocada, fora do lugar. Mas Ana afastou esses pensamentos rapidamente. Pedro era seu irmão, e João era seu marido. Não havia nada de errado.

— Bem, vou deixar vocês conversarem, então — disse Ana, tentando soar casual.
— Vou colocar as compras na cozinha.

Ela saiu do quarto, e o som dos passos dela ecoou pelo corredor. Quando a porta se fechou atrás dela, Pedro olhou para João com um meio sorriso.

— Isso foi perto demais — murmurou ele.

João não conseguiu responder. Seu corpo estava em alerta, o medo ainda vibrando em suas veias. Ele sabia que Ana poderia voltar a qualquer momento, que eles estavam caminhando por uma linha tênue. Mas, ao mesmo tempo, o fato de terem escapado daquela situação reforçou a sensação de que estavam jogando um jogo perigoso.

— Você deveria ir — disse João, finalmente, sem olhar para Pedro.

Pedro assentiu, sabendo que João estava certo. Ele saiu do quarto em silêncio, cruzando com Ana novamente na sala. Ela sorriu para ele, sem qualquer suspeita aparente.

— Tchau, Pedro. A gente se vê no domingo? — perguntou Ana, enquanto colocava as compras no armário.

— Com certeza, estarei lá — respondeu Pedro, dando um sorriso descontraído antes de sair.

Quando a porta se fechou atrás de Pedro, Ana ficou em silêncio por um momento. Algo na maneira como os dois homens estavam agindo a incomodava, mas ela não conseguia entender exatamente o que era. Pensou, por um breve segundo, em perguntar a João se estava tudo bem, mas logo se convenceu de que estava sendo paranoica.

Ela confiava em João. Confiava em Pedro. O pensamento de que algo estava errado parecia ridículo. Com isso, ela voltou à sua rotina, sem perceber o quão perto estava de descobrir o que realmente estava acontecendo.

No quarto, João sentiu o peso da culpa cair sobre ele mais uma vez. A proximidade de Ana, a forma como ela confiava cegamente, só tornava tudo ainda mais difícil de suportar. Ele sabia que a verdade estava se aproximando, e quando ela viesse à tona, destruiria tudo.

João ficou parado no quarto, escutando os sons distantes de Ana na cozinha, tentando acalmar sua respiração. O silêncio que restou entre ele e Pedro havia sido substituído por um novo tipo de tensão, um medo palpável. A visão de Ana abrindo a porta e encontrando Pedro sentado na cama o assombrava. Se fosse qualquer outra pessoa, a cena teria sido suficiente para levantar suspeitas. O fato de Ana não ter percebido só aumentava sua culpa, e isso o fazia se sentir ainda mais desprezível.

Enquanto Ana continuava na cozinha, João passou as mãos pelo rosto, tentando organizar seus pensamentos. Ele havia chegado tão perto de ser descoberto, e a ideia de tudo desmoronar em um segundo o apavorava. Mas, ao mesmo tempo, havia uma excitação sombria no risco que haviam corrido. O coração dele ainda batia forte, não apenas por causa do medo, mas também pela adrenalina de estar jogando um jogo tão perigoso. Estavam cruzando limites que ele jamais imaginou ultrapassar, e agora não havia como voltar atrás.

Pedro, do lado de fora do apartamento, respirava fundo, tentando manter a compostura enquanto caminhava para o carro. Ele sabia que a situação tinha sido por um fio. Ana poderia ter percebido, poderia ter feito perguntas mais incisivas, e tudo poderia ter desmoronado ali mesmo. Mas, ao invés de sentir pânico, Pedro se viu sorrindo. Havia algo inebriante em estar à beira do colapso, em brincar com o perigo e sair ileso. Porém, mesmo que estivesse calmo na superfície, uma voz em sua mente o alertava de que a sorte deles estava se esgotando.

Ana, ainda organizando as compras na cozinha, não conseguia afastar a sensação de desconforto. Algo estava fora do lugar, mas ela não sabia o que era. O sorriso forçado de João, o jeito como Pedro havia saído rapidamente... ela confiava nos dois, mas havia algo naquela cena que lhe causava um leve arrepio. Um pressentimento que ela não conseguia ignorar, mas que, por enquanto, preferia evitar explorar. Como sempre, ela afastou os pensamentos com um sorriso. Afinal, eram apenas fantasias. Nada de errado poderia estar acontecendo, certo?

Enquanto João permanecia sentado na beira da cama, o peso da situação finalmente o atingiu com toda a força. Ele sentia como se estivesse prestes a explodir. O olhar de Ana antes de sair do quarto não saía de sua cabeça. Teria ela percebido algo? Ou teria apenas sentido o desconforto sem entender o motivo? João sabia que eles estavam

jogando com o tempo, e a qualquer momento o castelo de cartas que havia construído desabaria. Por quanto tempo ele conseguiria manter as aparências?

Naquela noite, enquanto Ana dormia ao seu lado, João se pegou novamente acordado, encarando o teto. A imagem de Pedro sentado na cama não saía de sua mente. Ele sabia que não podia continuar vivendo assim, dividindo-se entre dois mundos. Mas o que ele poderia fazer? Terminar tudo com Pedro parecia impossível. E contar a verdade a Ana? Isso seria o fim de tudo. Cada opção parecia pior do que a outra, e a inércia o mantinha preso a essa vida dupla, como um espectador de sua própria destruição.

Do outro lado da cidade, Pedro também estava inquieto. Ele sabia que as coisas estavam saindo de controle, mas não conseguia se afastar. Havia algo em João que o puxava, algo que ele não conseguia deixar para trás. Mas a situação com Ana, o risco crescente, começava a pesar sobre ele também. A pergunta que vinha à sua mente repetidamente era: até quando eles poderiam manter isso? E, quando tudo viesse à tona, o que restaria? Pedro sabia que estavam em uma espiral descendente, e que o impacto seria devastador.

No fundo de sua mente, João começou a perceber que o confronto era inevitável. Não importava o quanto ele tentasse evitar, a verdade estava se aproximando. Ele sabia que não conseguiria manter essa farsa por muito mais tempo, e o medo de magoar Ana crescia a cada dia. Mas o medo de perder Pedro, de cortar o que havia entre eles, também era aterrorizante. E, assim, ele continuava parado, imóvel, enquanto as correntes de culpa e desejo o prendiam em uma situação impossível.

CAPÍTULO 6

SILÊNCIO QUEBRADO

Após o incidente no quarto, João se sentiu mais exposto do que nunca. Sabia que, embora Ana não tivesse demonstrado desconfiança, a situação havia plantado uma semente de dúvida. E essa semente, se regada com mais suspeitas, poderia germinar e revelar tudo o que ele vinha tentando esconder. A partir daquele momento, cada encontro com Pedro parecia mais perigoso, e João não conseguia ignorar o sentimento de que estavam à beira de uma catástrofe.

Ana, por outro lado, tentou seguir com a vida normalmente, mas não conseguia esquecer a cena do quarto. Embora confiasse em João e Pedro, algo sobre aquele encontro parecia errado. Ela se pegou, mais de uma vez, refletindo sobre isso, mas rapidamente afastava os pensamentos. "Estou sendo paranoica", pensava ela. No entanto, a imagem de Pedro sentado na cama de João continuava a aparecer em sua mente, como um quebra-cabeça que ela não conseguia resolver.

Os dias passaram, e João fez de tudo para manter a distância de Pedro, mesmo sabendo que isso era praticamente impossível. Pedro, no entanto, parecia indiferente ao perigo. Ele sabia o que sentia por João, e sabia que João sentia o mesmo. Para ele, o risco era apenas parte do jogo, e isso só tornava tudo ainda mais emocionante.

Foi em uma noite de quinta-feira, enquanto João e Ana estavam no sofá, assistindo a um filme, que a tensão finalmente começou a romper a barreira do silêncio. Ana estava mais quieta do que o normal, e João, perdido em pensamentos, mal percebia a presença dela. De repente, Ana quebrou o silêncio, sua voz suave, mas carregada de incerteza.

— João, você e Pedro estão... bem? — A pergunta parecia simples, mas havia algo mais profundo na maneira como ela a fez.

João congelou por um segundo. Ele não esperava que Ana mencionasse Pedro, e isso o fez entrar em alerta.

— Claro. Por que a pergunta? — respondeu ele, tentando manter o tom casual, embora soubesse que algo na pergunta dela indicava que havia mais por trás.

Ana hesitou por um momento, como se não tivesse certeza se deveria continuar. — É que... na outra tarde, quando cheguei em casa e encontrei vocês no quarto... — Ela

parou, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Achei estranho. Parecia que vocês estavam nervosos. Algo aconteceu?

O coração de João começou a bater mais rápido. Ele sabia que precisava ser cuidadoso. Qualquer palavra errada poderia fazer Ana suspeitar ainda mais. Tentando parecer o mais calmo possível, ele deu um sorriso forçado.

— Não, não aconteceu nada. Acho que você está imaginando coisas, Ana. Estávamos apenas conversando sobre algumas coisas pessoais. Nada demais.

Ana olhou para ele por um momento, tentando ler as expressões no rosto do marido. João sentiu o olhar dela queimar em sua pele, como se ela estivesse tentando enxergar algo que ele estava escondendo. Ele forçou-se a manter o olhar fixo nela, sem desviar, mesmo que estivesse à beira de perder o controle.

— Certo — disse Ana, finalmente, com um suspiro. — Eu confio em você, João. Só achei estranho, mas talvez seja coisa da minha cabeça.

Aquelas palavras foram como uma faca no coração de João. "Eu confio em você." A confiança de Ana, tão genuína, só fazia com que a culpa dele aumentasse ainda mais. Ele sabia que não merecia aquela confiança, sabia que estava traindo-a de uma maneira que jamais poderia reparar. No entanto, não conseguia se afastar de Pedro. A dualidade de seus sentimentos estava destruindo-o por dentro.

Naquela noite, depois que Ana foi para a cama, João ficou sozinho na sala, mergulhado em pensamentos sombrios. A pergunta de Ana havia acendido uma luz de alerta em sua mente. Ela estava começando a perceber que algo estava errado, mesmo que ainda não soubesse o que era. João sabia que, se não tomasse uma decisão logo, as consequências seriam desastrosas.

Ele pegou o celular, suas mãos tremendo ligeiramente enquanto digitava uma mensagem para Pedro.

"Precisamos conversar. Amanhã."

A resposta de Pedro veio quase imediatamente. "Nos encontramos onde?"

João sabia que a próxima conversa com Pedro seria decisiva. Eles precisariam decidir o que fazer, ou então estariam arriscando tudo, mais do que já haviam arriscado até agora. Ele apagou a mensagem rapidamente e foi para o quarto, deitando-se ao lado de Ana, que já dormia profundamente.

Enquanto olhava para o teto, a culpa e o desejo se misturavam em sua mente. Ele sabia que a explosão estava chegando, e quando ela viesse, nada mais seria o mesmo. O que ele não sabia era como sair daquele ciclo de traição e culpa sem destruir a todos ao seu redor.

No dia seguinte, João e Pedro se encontraram no café de sempre. Era um local discreto, onde ninguém da igreja costumava aparecer, e eles podiam conversar com relativa privacidade. Pedro chegou primeiro, sempre despreocupado, e quando João entrou, ele pôde ver a tensão estampada no rosto do cunhado.

— O que foi dessa vez? — perguntou Pedro, com um sorriso. — Está nervoso de novo?

— Isso está indo longe demais, Pedro. Ana está começando a suspeitar. Eu não posso continuar com isso. — João foi direto ao ponto, sem rodeios.

Pedro olhou para ele por um momento, o sorriso desaparecendo de seus lábios. Ele sabia que João estava falando sério dessa vez. O medo nos olhos de João era real, e Pedro percebeu que eles estavam mais perto do desastre do que ele havia imaginado.

— Então o que você quer fazer? — perguntou Pedro, sua voz mais séria agora.

— Eu não sei — respondeu João, a frustração evidente em sua voz. — Só sei que não podemos continuar assim. Ela vai descobrir, é só uma questão de tempo.

Pedro ficou em silêncio, pensativo. Por um momento, ele parecia estar considerando a situação de maneira mais profunda. Embora fosse mais impulsivo, ele também sabia que, se Ana descobrisse o que estava acontecendo, as consequências seriam devastadoras.

— Talvez... seja melhor nos afastarmos por um tempo — sugeriu Pedro, finalmente. — Até as coisas esfriarem.

João assentiu, mesmo que cada parte de seu corpo quisesse rejeitar a ideia. Ele sabia que Pedro estava certo. Eles precisavam colocar uma distância entre eles antes que fosse tarde demais. Mas ao mesmo tempo, João não conseguia imaginar sua vida sem Pedro por perto. O laço entre eles era forte demais, e ele não sabia se teria forças para cortá-lo.

Eles se despediram sem muitas palavras, ambos conscientes de que aquele poderia ser o início de um distanciamento forçado. Mas, no fundo, ambos sabiam que o que tinham era forte demais para ser ignorado por muito tempo.

Quando João saiu do café, a sensação de alívio que ele esperava sentir nunca veio. Pelo contrário, o peso da decisão de se afastar de Pedro parecia apenas piorar as coisas. Ele caminhou pelas ruas da cidade com passos pesados, sentindo-se como se estivesse em uma espécie de neblina. A culpa por trair Ana era esmagadora, mas a ideia de viver sem Pedro, de cortar o que sentia por ele, era quase insuportável. A cada passo que dava para longe do café, João se perguntava se tinha feito a escolha certa ou se apenas adiara o inevitável.

Naquela noite, de volta em casa, João evitou o olhar de Ana. Sentado à mesa durante o jantar, ele se limitou a respostas curtas e monossilábicas às perguntas que ela fazia sobre seu dia. Ana notou o comportamento estranho, mas não pressionou. Ela também parecia distraída, envolta em seus próprios pensamentos, e o silêncio entre eles, que antes era confortável, agora parecia tenso e carregado de incertezas. João se perguntava se ela estava começando a juntar as peças, a perceber que algo estava fundamentalmente errado.

Quando se deitaram naquela noite, João ficou imóvel ao lado de Ana, observando-a dormir, como se estivesse tentando absorver o que restava da normalidade que eles haviam construído ao longo dos anos. Cada vez que ela suspirava ou se movia, ele sentia uma pontada de culpa atravessar seu peito. Mas ao mesmo tempo, pensamentos sobre Pedro surgiam em sua mente, incontroláveis. Ele sabia que precisava manter distância, mas a tentação, o desejo de quebrar essa promessa, era quase avassalador.

No dia seguinte, enquanto João estava no trabalho, seu telefone vibrou. Ao ver o nome de Pedro na tela, o coração dele deu um salto. Ele havia decidido ignorar as mensagens, manter o afastamento que eles haviam combinado. Mas, ao ver o nome de Pedro ali, esperando por uma resposta, João sentiu suas convicções vacilarem. Ele sabia que não deveria responder, que cada mensagem trocada os levaria de volta à mesma espiral de culpa e desejo. Mas, com as mãos trêmulas, ele abriu a mensagem. “Estou pensando em você.” Simples, direto e devastador.

João apagou a mensagem rapidamente, mas o estrago já estava feito. O resto do dia foi uma batalha interna. Ele tentou se concentrar no trabalho, nas tarefas do escritório, mas a imagem de Pedro e as palavras dele o atormentavam. A promessa de distanciamento parecia cada vez mais frágil. Ele se sentia à beira de um colapso, incapaz

de lidar com a pressão de viver uma vida dupla. Cada escolha parecia levar ao desastre, e ele não conseguia mais ver uma saída que não envolvesse destruir a todos ao seu redor.

Quando João chegou em casa naquela noite, Ana estava na sala, distraída com um livro, mas ele percebeu que algo estava diferente. O comportamento dela, normalmente tranquilo, agora parecia tenso, como se algo estivesse prestes a ser revelado. Ela o observava de relance, como se estivesse esperando por uma oportunidade de falar. João sentiu seu estômago revirar. Será que ela havia descoberto algo? Ele se sentou no sofá ao lado dela, tentando agir normalmente, mas a atmosfera pesada entre eles só aumentava a sensação de que o confronto estava próximo.

Finalmente, Ana fechou o livro com um suspiro pesado e se virou para João. Havia algo no olhar dela, uma mistura de dor e determinação, que o deixou em alerta máximo. “João, nós precisamos conversar.” As palavras saíram suaves, mas carregadas de uma gravidade que ele não estava preparado para enfrentar. O coração dele disparou. Ela sabia. Ou, pelo menos, ela desconfiava o suficiente para confrontá-lo. Tudo o que ele havia temido, todos os segredos que ele tinha tentado esconder, estavam prestes a ser expostos.

João tentou respirar fundo, mas o ar parecia pesado demais. Ana o olhava fixamente, aguardando uma resposta. Ele sabia que estava em uma encruzilhada. Qualquer palavra que dissesse agora poderia mudar tudo, poderia ser o ponto de não retorno. A pergunta silenciosa no olhar de Ana o perfurava: ela queria saber a verdade. Mas João, paralisado pelo medo, pela culpa e pela incerteza, não sabia se estava pronto para revelá-la.

CAPÍTULO 7

A DISTÂNCIA INSUPORTÁVEL

O afastamento entre João e Pedro era algo que João sabia que precisava fazer, mas a cada dia que passava, sentia como se estivesse rasgando uma parte de si mesmo. Mesmo sabendo que era o melhor — para proteger Ana, para evitar que tudo viesse à tona — o vazio que Pedro deixara em sua vida era insuportável. O distanciamento, que inicialmente parecia uma solução, logo se revelou mais difícil de suportar do que João imaginara.

Ana, por outro lado, notou uma mudança em João, mas achou que o afastamento de Pedro havia sido benéfico. João estava mais presente, ou pelo menos tentava estar. Embora ela ainda sentisse que algo estava errado, as dúvidas que surgiram após o episódio no quarto começaram a se dissipar lentamente. Para Ana, João estava voltando ao normal, e isso a confortava, mesmo que, no fundo, algo ainda não fizesse sentido.

Pedro, por sua vez, também sentia a ausência de João. Ele sabia que o afastamento era necessário, mas isso não tornava as coisas mais fáceis. A cada dia, ele sentia que a distância entre eles aumentava não apenas fisicamente, mas emocionalmente também. E essa perda de conexão o fazia pensar constantemente em como reverter a situação.

Foi em uma tarde de sábado, cerca de duas semanas após o afastamento, que as coisas começaram a desmoronar de vez. João estava em casa, sentado no sofá com Ana, tentando manter uma aparência de normalidade. Eles estavam assistindo a um programa qualquer, mas João mal prestava atenção. Sua mente estava em outro lugar, e Ana, sempre observadora, percebeu.

— Você está bem, João? — perguntou Ana, com a voz suave, mas cheia de preocupação.

João, pego de surpresa pela pergunta, desviou o olhar rapidamente, tentando parecer descontraído.

— Sim, só cansado, como sempre — respondeu ele, com um sorriso forçado.

Ana assentiu, embora claramente não estivesse convencida. O silêncio entre eles era pesado, carregado de coisas não ditas. Por mais que João tentasse se reconectar com

Ana, o espaço entre eles parecia estar crescendo, e ele sabia que era por causa de Pedro. O distanciamento que tentava manter estava apenas criando um vazio maior em sua vida, e ele não sabia mais como preenchê-lo.

Mais tarde naquela noite, após Ana ter ido para a cama, João ficou sentado sozinho na sala. O silêncio da casa o cercava, mas dentro de sua mente, havia uma tempestade. Ele pegou o celular, olhando para a tela por um longo tempo, lutando contra o impulso de mandar uma mensagem para Pedro. Ele sabia que deveria manter a distância, sabia que o que estavam fazendo era errado, mas o vazio que Pedro deixara era forte demais para ser ignorado.

Finalmente, sem conseguir resistir, ele digitou uma mensagem simples: "Eu sinto sua falta."

João ficou olhando para a tela, esperando uma resposta, sem saber o que esperar. Pedro não demorou a responder.

"Sinto sua falta também. Podemos nos encontrar?"

João sabia que deveria dizer não. Sabia que aquele era o momento de ser forte, de manter o controle. Mas as emoções que vinham lutando dentro dele por tanto tempo falaram mais alto.

"Sim", ele digitou, e ao enviar a mensagem, sentiu uma mistura de alívio e culpa. Ele sabia que estava jogando com fogo novamente, mas a necessidade de ver Pedro, de sentir aquela conexão, era mais forte do que o medo das consequências.

Na manhã seguinte, João inventou uma desculpa para Ana, dizendo que precisava resolver algumas coisas na cidade. Ele tentou parecer o mais natural possível, mas a ansiedade pulsava em suas veias. Eles se encontrariam em um café afastado, longe dos olhares familiares, onde poderiam falar sem medo de serem descobertos.

Quando João chegou, Pedro já estava lá, sentado em uma mesa no canto. O olhar de Pedro ao vê-lo era de alívio, como se os últimos dias tivessem sido uma tortura. João sentiu o mesmo. Ele se aproximou, e a tensão entre os dois era palpável, mesmo sem palavras.

— Achei que não fosse mais querer me ver — disse Pedro, seu tom meio brincalhão, mas com um toque de seriedade.

— Eu tentei — respondeu João, a voz baixa. — Mas não consigo. Isso... o que a gente tem... é mais forte do que eu imaginava.

Pedro olhou para ele, com um meio sorriso. — Eu sabia que seria difícil se afastar. A gente nunca foi bom nisso.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos, absorvendo a realidade do que estava acontecendo. A decisão de se afastar havia falhado, e agora eles estavam mais uma vez de volta ao ponto de partida — mas dessa vez, havia um senso de urgência, como se o tempo estivesse acabando.

— O que vamos fazer? — perguntou João, finalmente. — Não podemos continuar assim, mas também não podemos parar.

Pedro suspirou, olhando ao redor do café, como se buscasse uma resposta nas paredes silenciosas. Ele sabia que estavam presos em um ciclo perigoso, mas ao mesmo tempo, sabia que não havia uma solução fácil.

— Talvez... seja hora de sermos honestos — disse Pedro, sua voz cheia de hesitação, mas também de uma certeza dolorosa.

João olhou para ele, chocado. — Honestos? Você está dizendo... contar para Ana?

Pedro assentiu, embora seu olhar estivesse fixo na mesa. — Não podemos continuar vivendo essa mentira, João. Vai acabar nos destruindo — e vai destruir ela também.

As palavras de Pedro ecoaram na mente de João como uma sentença. Ele sabia que Pedro estava certo, sabia que a verdade viria à tona em algum momento. Mas o simples pensamento de contar para Ana, de magoá-la de maneira tão profunda, o aterrorizava. Ele não podia imaginar a dor que isso causaria a ela, e ainda assim, sabia que Pedro estava certo. A mentira que estavam vivendo era insustentável.

— Eu não sei se consigo fazer isso — murmurou João, sua voz cheia de incerteza.

Pedro olhou para ele com empatia, mas também com firmeza. — Você consegue. Nós conseguimos. Mas precisamos ser honestos com nós mesmos primeiro.

João ficou em silêncio, absorvendo aquelas palavras. Ele sabia que o momento da verdade estava se aproximando, e quando isso acontecesse, tudo mudaria. O que ele não sabia era como sobreviveriam à tempestade que estava por vir.

CAPÍTULO 8

A MUDANÇA INEVITÁVEL

Pedro sempre fora o tipo de pessoa que acreditava que poderia controlar suas próprias emoções. Era impulsivo, mas sabia como se afastar de situações complicadas quando era necessário. No entanto, desta vez, a situação com João o tinha completamente fora de controle. Ele sabia que o que estava fazendo era errado, e mais do que isso, estava ciente de que não havia como continuar sem consequências. O relacionamento com João, por mais forte e envolvente que fosse, estava destruindo os dois.

Depois da conversa no café, Pedro tomou uma decisão que acreditava ser a única solução possível: ele precisava se mudar, colocar uma distância física entre ele e João. Talvez, se não estivessem tão próximos, se parassem de se ver todos os dias, a tentação diminuiria, e eles poderiam, finalmente, seguir em frente com suas vidas.

João ficou chocado quando Pedro lhe contou sobre a mudança.

— Você vai se mudar? — perguntou João, a voz carregada de surpresa e dor.

— Eu preciso, João. Não posso continuar morando tão perto de vocês. Toda vez que estou na sua casa, sinto que estamos à beira de um desastre. Se eu me afastar, talvez as coisas voltem ao normal para você e Ana.

João não sabia o que dizer. Parte dele entendia a lógica de Pedro, mas outra parte não queria aceitar. Pedro havia se tornado uma presença constante em sua vida, e a ideia de não tê-lo por perto era assustadora. No entanto, João sabia que não podia continuar vivendo aquela mentira. Talvez a distância fosse, de fato, a solução. Ou pelo menos, era o que ele queria acreditar.

Pedro encontrou um pequeno apartamento do outro lado da cidade, longe da vizinhança onde João e Ana viviam. A mudança aconteceu rapidamente. Pedro não queria prolongar o processo, não queria criar mais oportunidades para que o relacionamento proibido continuasse a crescer. Ele disse a João que a distância era o melhor para ambos, que talvez com o tempo pudessem esquecer o que havia acontecido e seguir em frente.

Mas as coisas não foram tão simples quanto Pedro esperava.

Nos primeiros dias, a distância física parecia funcionar. Pedro estava ocupado com a mudança, e João, por sua vez, tentava focar em sua vida com Ana, fazendo tudo o que podia para reparar os danos que o segredo estava causando em sua mente. Ele se esforçava para ser mais presente, mais atencioso com Ana, esperando que, de alguma forma, isso o ajudasse a superar os sentimentos que ainda tinha por Pedro.

Ana, por sua vez, ficou aliviada com a mudança de Pedro. Embora não entendesse completamente os motivos, ela acreditava que a distância entre Pedro e João talvez ajudasse a dissipar a tensão que ela percebia entre os dois. Ana estava começando a se sentir mais tranquila, acreditando que os problemas que sentia no casamento estavam finalmente se resolvendo.

No entanto, para João e Pedro, a distância não trouxe o alívio que esperavam.

Após algumas semanas, a ausência de Pedro começou a pesar sobre João. Ele se pegava pensando em Pedro o tempo todo, sentindo falta de suas visitas, de suas conversas, de sua presença. A culpa ainda estava lá, mas misturada com um sentimento de perda que ele não conseguia explicar. João sabia que deveria estar feliz com a mudança, mas em vez disso, sentia-se vazio.

Pedro, por outro lado, também estava lutando. Apesar de estar em um novo apartamento, longe de João, ele não conseguia parar de pensar nele. Cada mensagem não enviada, cada ligação que ele queria fazer, mas resistia, era um lembrete constante de que a distância física não resolvia o verdadeiro problema. O sentimento entre eles era mais forte do que a distância, e Pedro começou a perceber que a mudança não estava fazendo nada além de prolongar o sofrimento.

Uma noite, depois de semanas de silêncio, Pedro cedeu. Ele enviou uma mensagem para João, sabendo que não deveria, mas incapaz de evitar.

"Você sente minha falta?"

João, que estava na sala com Ana, viu a mensagem aparecer na tela do celular. Seu coração disparou. Ele sabia que deveria ignorar, apagar a mensagem e continuar fingindo que tudo estava bem. Mas a verdade era que ele sentia falta de Pedro. Mais do que queria admitir.

Ele olhou para Ana, que estava distraída com algo na televisão, e rapidamente respondeu.

"Sim. Muito."

Essa troca simples de mensagens foi o suficiente para reacender a chama que ambos estavam tentando apagar. Nos dias seguintes, as mensagens entre João e Pedro se tornaram mais frequentes. Era como se a distância tivesse apenas intensificado o que sentiam um pelo outro. Cada conversa era carregada de saudade, de desejo reprimido, e João sabia que, em algum momento, eles acabariam se encontrando novamente.

Pedro, por sua vez, sabia que estava indo contra tudo o que havia planejado ao se mudar. Ele havia se convencido de que a mudança o ajudaria a se afastar de João, mas agora percebia que o sentimento entre eles era impossível de ignorar. A distância, em vez de diminuir o desejo, parecia ter tornado tudo ainda mais intenso.

Finalmente, após semanas de mensagens, Pedro sugeriu que se encontrassem. Eles tentaram resistir, tentaram se afastar, mas no fundo sabiam que o afastamento havia falhado. João, hesitante, aceitou. Eles precisavam falar pessoalmente, e ambos sabiam que a conversa que teriam poderia mudar tudo de novo.

O encontro aconteceu no novo apartamento de Pedro, longe de qualquer olhar conhecido. Quando João entrou, foi como se todo o tempo que haviam passado separados tivesse sido apenas uma pausa temporária. A tensão entre eles era palpável, e a conversa que deveria ser racional e definitiva logo se transformou em algo muito mais emocional.

— Eu tentei, Pedro. Tentei de verdade esquecer o que a gente tem, mas não consigo — disse João, a voz carregada de frustração e dor.

Pedro se aproximou, e o toque breve de suas mãos fez com que todo o autocontrole que João havia tentado manter se desmoronasse.

— Eu também não consigo, João. Por mais que eu tente, o que sinto por você é mais forte do que qualquer outra coisa. Não podemos continuar vivendo assim.

As palavras de Pedro eram verdadeiras, mas elas carregavam um peso ainda maior. O que viria depois desse encontro era algo que nenhum dos dois podia prever. Eles estavam, mais uma vez, presos em um ciclo de desejo, culpa e incerteza.

CAPÍTULO 9

A VERDADE DESTRUÍDA E RECONSTRUÍDA

Os dias que se seguiram ao reencontro entre João e Pedro foram marcados por uma tensão invisível, mas inegável. Cada vez que João olhava para Ana, sentia a culpa queimando dentro de si. Ela era sua esposa, sua parceira de vida, e ele sabia que estava a traindo da maneira mais profunda possível. Ao mesmo tempo, o relacionamento com Pedro, apesar de proibido, havia se tornado um pilar emocional que João não conseguia mais negar.

A verdade estava à beira de vir à tona, e ambos sabiam disso.

Naquela noite fatídica, João chegou em casa e encontrou Ana sentada no sofá, a expressão em seu rosto diferente do habitual. Ela parecia distante, como se algo estivesse pesando em sua mente. Havia um silêncio tenso entre eles, e João percebeu que aquele seria o momento que ele temia.

— João, precisamos conversar — disse Ana, sua voz mais calma do que ele esperava.

João sentiu o estômago afundar. Ele sabia o que estava por vir, mas ainda não estava pronto. No entanto, sabia que não poderia fugir da verdade para sempre.

— O que foi? — ele perguntou, tentando manter a calma.

Ana olhou para ele por um longo momento antes de falar. — Eu não sou idiota, João. Eu sei que algo está acontecendo há muito tempo. E não estou falando de estresse no trabalho.

João ficou em silêncio, incapaz de responder imediatamente. Ele sabia que havia chegado o momento de confessar, mas as palavras pareciam presas em sua garganta.

— Eu... — começou ele, mas Ana o interrompeu.

— É com Pedro, não é? — A pergunta dela foi como uma faca perfurando o coração de João. Ele ficou paralisado, incapaz de negar ou de mentir. Ela havia descoberto, mesmo sem provas diretas, algo dentro dela já sabia a verdade.

O silêncio de João foi tudo o que Ana precisou para confirmar suas suspeitas. As lágrimas começaram a escorrer por seu rosto, e ela se levantou do sofá, incapaz de continuar sentada ali, diante dele.

— Como você pôde? — perguntou ela, a voz agora cheia de dor e raiva. — Com meu próprio irmão?

João sentiu a culpa o consumir. Ele sabia que não havia nada que pudesse dizer para aliviar a dor que estava causando. A traição era dupla, e ele sabia que havia destruído não apenas o casamento, mas também a confiança que Ana tinha em ambos.

— Ana, me desculpa. Eu... não sei o que dizer. — João tentou, mas suas palavras pareciam vazias, incapazes de reparar o dano.

Ana o olhou, o rosto molhado de lágrimas, mas agora havia uma determinação em sua expressão. — Eu confiei em você, João. E você me traiu da pior maneira possível. Eu não sei como vamos sair disso, mas sei que não posso ficar aqui agora.

Ela pegou suas chaves e saiu de casa sem dizer mais uma palavra. João ficou parado, olhando a porta fechar, sabendo que aquela poderia ser a última vez que a veria daquele jeito. O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

Nos dias que se seguiram, Ana não voltou para casa. Ela ficou com uma amiga, tentando processar a avalanche de emoções que sentia. A traição de João era algo que ela nunca havia imaginado, e o fato de que o relacionamento era com Pedro, seu próprio irmão, tornava tudo ainda mais devastador. Ela sabia que precisaria de tempo para decidir o que faria a seguir, mas também sabia que sua vida nunca mais seria a mesma.

João, por sua vez, estava destruído. A casa que antes era um refúgio de amor e segurança agora parecia vazia e opressiva. Ele e Pedro continuaram se vendo, mas a culpa e a dor permeavam cada encontro. Nenhum deles sabia o que fazer a seguir. Eles haviam finalmente sido confrontados com a verdade, mas isso não trouxe o alívio que esperavam.

Foi então que Pedro tomou uma decisão.

— Precisamos nos afastar de vez, João — disse Pedro, durante um de seus encontros. — Eu te amo, mas não podemos continuar assim. Você destruiu seu casamento, e eu destruí minha relação com Ana. Isso não tem como continuar.

João sabia que Pedro estava certo, mas aquilo não tornava a situação menos dolorosa. Ele havia destruído sua vida, e agora estava perdendo a única coisa que parecia trazer algum sentido.

— Eu não sei como fazer isso — confessou João, a voz carregada de desespero.

— Eu também não — respondeu Pedro. — Mas sei que, se continuarmos assim, vamos destruir o que resta de nós.

A despedida entre João e Pedro foi silenciosa, sem grandes discursos ou promessas. Ambos sabiam que o que tinham vivido juntos era real, mas também sabiam que havia chegado ao fim. Eles se abraçaram uma última vez, ambos cientes de que aquela era a única maneira de tentar reconstruir suas vidas.

Meses se passaram, e a vida seguiu em caminhos diferentes para cada um. Ana decidiu recomeçar sua vida longe de João, mudando-se para outra cidade. Ela sabia que o processo de cura seria longo, mas estava determinada a se reconstruir. Pedro, por sua vez, voltou para sua vida solteira, tentando lidar com a culpa e o luto de ter perdido a confiança de sua irmã.

João, agora sozinho, finalmente começou a refletir sobre suas escolhas. Ele sabia que havia arruinado tudo, mas também sabia que precisava começar de novo. O amor por Pedro sempre seria uma parte dele, mas ele sabia que aquela fase de sua vida havia chegado ao fim.

O que restava agora era tentar encontrar um novo caminho — um caminho de redenção e, talvez, perdão, ainda que esse perdão viesse apenas de si mesmo.

CAPÍTULO – 10

NOVOS RECOMEÇOS

Meses se passaram desde que a verdade veio à tona. O que parecia ser o fim para todos havia, na verdade, se transformado em um novo começo. Embora a revelação do relacionamento entre João e Pedro tenha devastado Ana inicialmente, o tempo e a distância permitiram que ela começasse a encontrar seu próprio caminho para a cura e o recomeço.

João e Pedro, depois de enfrentarem suas culpas e seus medos, decidiram finalmente assumir a relação de forma aberta. Eles sabiam que o amor que sentiam um pelo outro era forte demais para ser ignorado, e após muitas conversas e reflexões, ambos chegaram à conclusão de que era hora de viverem suas vidas com autenticidade, sem esconderem quem eram ou o que sentiam.

Com o apoio do **Reverendo Eddie**, que desde o início os havia acolhido na Igreja Anglicana, João e Pedro decidiram se casar. A cerimônia foi simples, mas carregada de significado. Na igreja anglicana, cercados por alguns amigos próximos e o apoio de Eddie, eles trocaram votos que, por tanto tempo, pareciam impossíveis.

— Diante de Deus e de nossa comunidade, eu prometo te amar, te respeitar e caminhar ao seu lado — disse João, as palavras emocionando Pedro e os presentes. O compromisso de viver a verdade, que tantas vezes fora escondida, agora era finalmente honrado.

Pedro, emocionado, repetiu os votos, sentindo que, apesar de todas as dificuldades que haviam enfrentado, eles estavam finalmente onde deveriam estar — juntos, de forma aberta e abençoada. Para ambos, aquele momento representava uma nova vida. A verdade que antes os havia separado de tantas coisas, agora os unia em um compromisso para sempre.

Enquanto João e Pedro se reerguiam e seguiam em frente com suas vidas, **Ana** também encontrava seu próprio caminho.

Depois de meses de luto pelo fim do casamento e da relação de confiança com Pedro, ela decidiu se mudar para outra cidade, em busca de um novo começo. Ela havia

entendido que o tempo era o único remédio para a dor que carregava, e que a distância física a ajudaria a se curar e encontrar novas oportunidades.

Foi em uma dessas novas oportunidades que Ana conheceu **Mustafa**, um jovem elegante e carismático de origem turca. Mustafa era diferente de qualquer pessoa que Ana havia conhecido. Inteligente, cheio de energia e com uma visão de mundo rica em cultura e história, ele a encantou com suas histórias sobre sua terra natal, seu passado e suas experiências pelo mundo. Ele representava uma nova perspectiva para Ana, algo que ela não sabia que precisava até conhecê-lo.

O romance entre Ana e Mustafa começou devagar, com Ana inicialmente hesitante em se abrir para outra pessoa após tudo o que havia passado. Mas Mustafa era paciente, e aos poucos Ana se permitiu sentir novamente. Ela descobriu, com o tempo, que a vida não era sobre carregar o peso das traições e dos erros passados, mas sim sobre se abrir para o novo e permitir-se ser feliz novamente.

Com Mustafa, Ana encontrou uma paz que há muito tempo não sentia. Eles se conectaram de maneira profunda, compartilhando conversas longas sobre suas culturas e seus sonhos, e Ana começou a ver a vida sob uma nova luz. Embora sua confiança em relacionamentos estivesse abalada, Mustafa a ajudou a reconstruir isso, passo a passo.

No final, todos os personagens encontraram seus caminhos de recomeço. **João e Pedro**, apesar das lutas internas e dos desafios, se uniram em um relacionamento oficializado na Igreja Anglicana, vivendo a verdade que por tanto tempo estivera oculta. O casamento deles representou mais do que apenas o amor entre os dois, mas também a coragem de viver suas vidas de acordo com suas verdadeiras identidades.

Ana, por sua vez, encontrou em **Mustafa** um novo amor e uma nova visão para o futuro. O trauma do passado não foi esquecido, mas ela descobriu que o tempo cura todas as feridas, e que novas oportunidades surgem quando estamos abertos a elas.

A vida de todos mudou drasticamente, mas, no final, todos encontraram suas próprias formas de felicidade. O amor, em suas diferentes formas, prevaleceu. Mesmo com todas as adversidades, cada um dos personagens encontrou a paz e a chance de um recomeço, seja em um novo casamento, em um novo amor, ou em uma nova perspectiva de vida.

Com o passar dos anos, Ana e Mustafa construíram uma vida juntos, marcada por amor, compreensão e crescimento. O que começou como uma conexão cautelosa logo

floresceu em um relacionamento sólido e profundo. Ana, que outrora carregava o peso do passado, encontrou em Mustafa não só um companheiro amoroso, mas também um parceiro disposto a caminhar ao seu lado enquanto ambos reescreviam suas histórias. A vida ao lado dele trouxe a leveza que ela tanto precisava.

Eles tiveram três filhos, cada um trazendo uma nova alegria e significado à vida de Ana. Ser mãe era algo que Ana sempre quis, mas nunca havia imaginado que viveria essa experiência de forma tão plena com Mustafa. O nascimento dos filhos deu a ela uma nova perspectiva sobre o que realmente importava. As dores do passado foram, pouco a pouco, substituídas pelas risadas e descobertas das crianças, que enchiam a casa de vida e esperança. Ana sentiu que havia finalmente encontrado a paz que tanto buscava.

Mustafa, por sua vez, se dedicou com paixão à sua família, ao mesmo tempo em que trazia elementos de sua rica cultura turca para a vida cotidiana de Ana e dos filhos. As histórias de sua terra natal, suas tradições e valores moldaram o ambiente familiar, criando um lar onde diferentes culturas se misturavam com harmonia. Ana se encantava ao ver seus filhos crescerem com uma herança cultural tão diversificada, algo que ampliava seus horizontes e tornava suas vidas ainda mais ricas.

Enquanto Ana encontrava sua nova felicidade, João e Pedro também seguiam com suas vidas. Pedro, que sempre sonhara em ser médico, finalmente realizou esse sonho. Depois de anos de estudo e dedicação, ele se formou em medicina, uma conquista que o encheu de orgulho. Seu casamento com João também amadureceu, com ambos aprendendo a lidar com os desafios que vinham com a decisão de viver de maneira autêntica. Juntos, enfrentaram o julgamento da sociedade, mas encontraram força um no outro e na nova comunidade que haviam construído.

A relação de Pedro com Ana, que um dia havia sido marcada por traição e mágoa, também passou por uma transformação. Com o passar do tempo, Ana conseguiu encontrar em seu coração o espaço para perdoar Pedro. Embora o processo de cura tenha sido longo e doloroso, Ana percebeu que o perdão não era apenas para Pedro, mas para ela mesma. Era uma forma de se libertar das correntes do passado e permitir que ela seguisse em frente. Pedro, por sua vez, sentia-se profundamente grato pelo perdão que Ana oferecera, e o laço entre eles, ainda que nunca mais fosse o mesmo, tornou-se um símbolo de compreensão e maturidade.

Além de Ana, sua mãe também encontrou uma forma de perdoar Pedro. Inicialmente, a mãe de Ana havia se sentido profundamente traída e indignada com o que Pedro fizera à família. Mas, à medida que o tempo passava, e especialmente ao ver como Ana havia seguido em frente com Mustafa e as crianças, ela começou a reconsiderar sua postura. O apoio do Reverendo Eddie também foi crucial nesse processo, ajudando-a a entender a importância do perdão e da reconciliação. A mãe de Ana finalmente se reuniu com Pedro e João, acolhendo-os de volta à sua vida com o coração aberto, um gesto que trouxe paz a todos.

Com o passar dos anos, as vidas de João, Pedro, Ana e Mustafa seguiram rumos diferentes, mas entrelaçados pela aceitação, compreensão e, acima de tudo, pelo perdão. Pedro e João continuaram casados, vivendo suas vidas de maneira honesta e sem segredos, e ainda eram gratos pela bênção que receberam de poder viver livremente como quem realmente eram. A relação deles, construída sobre as dificuldades do passado, se tornou mais forte e mais sólida com o tempo, e ambos sabiam que, por mais turbulento que tivesse sido o início, o futuro que estavam construindo juntos era brilhante.

Ana, agora mãe de três crianças adoráveis e esposa de um homem que a amava profundamente, se via finalmente em paz. Ela havia encontrado seu caminho, abraçando o novo, mas sem esquecer das lições que o passado lhe ensinara. Seus filhos, que cresciam em um lar cheio de amor, risos e tradições, eram a prova viva de que o recomeço era possível, e que a felicidade poderia ser encontrada nos lugares mais inesperados. Ana sabia que, com Mustafa ao seu lado, o futuro continuaria a trazer alegria e crescimento.

No final, todos encontraram seu lugar no mundo. O que um dia havia sido marcado pela dor e pela traição transformou-se em crescimento, perdão e novos começos. As cicatrizes do passado não haviam sido apagadas, mas, como todas as cicatrizes, elas haviam se tornado parte de quem cada um deles era. João, Pedro, Ana e Mustafa seguiram com suas vidas, mais fortes, mais sábios, e, acima de tudo, mais felizes.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

- CIMAN, André. **Me Chame Pelo Seu Nome**. São Paulo: Intrínseca, 2018.
- CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.
- DURAS, Marguerite. **O Amante**. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.
- FERRANTE, Elena. **Dias de Abandono**. São Paulo: Intrínseca, 2016.
- FERRANTE, Elena. **Um Amor Incômodo**. São Paulo: Intrínseca, 2018.
- HAWKINS, Paula. **A Garota no Trem**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- ISHIGURO, Kazuo. **Os Restos do Dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- PROULX, Annie. **O Segredo de Brokeback Mountain**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: L&PM, 2012.
- WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ISBN 978-655376400-2



9

786553

764002